

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**GABRIEL PORTELLA ARAUJO
THIAGO DA SILVA NEVES**

**CAUSAS DA EVASÃO NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA)**

**VITÓRIA-ES
2021**

**GABRIEL PORTELLA ARAUJO
THIAGO DA SILVA NEVES**

**CAUSAS DA EVASÃO NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Educação Física da UFES, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Educação Física.

Prof^o Orientador: Nelson Figueiredo

**VITÓRIA-ES
2021**

GABRIEL PORTELLA ARAUJO

THIAGO DA SILVA NEVES

**CAUSAS DA EVASÃO NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Educação Física da UFES, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Educação Física.

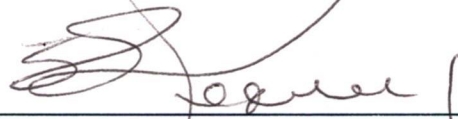
Aprovado em06...de..Outubro.....de
2021.

BANCA EXAMINADORA



Profº Orientador: Dr. Nelson Figueiredo
de A. Filho

Ms. Rosely Maria da Silva Pires



Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha

VITÓRIA-ES
2021

EPÍGRAFE

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. (Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os nossos colegas de caminhada, por todos os momentos que passamos juntos, sejam nos trabalhos e nas provas, parceiros de muitas histórias, risadas e preocupações, pessoas que fizeram parte de minha vida e história, por isso dividimos alegrias, dificuldades, companheirismo. Obrigado ao nosso orientador e todos os professores do curso, pela compreensão e paciência. A vocês,

muito obrigado por fazerem parte da nossa história.

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho à nossa família, que nos deu motivação, e hoje com certeza se sente feliz por termos alcançado esta conquista. Provavelmente teria desistido sem a paciência e

confiança a nós conferidos.

RESUMO

O tema objeto de estudo foi a Educação de Jovens e Adultos - EJA, enfatizando-se a questão da evasão escolar nesta modalidade. A educação de jovens e adultos surge para atender a população que agora é urbana e precisa alcançar os códigos desta modernidade. Diante disso, o trabalho delimitou como problema central a ser investigado, verificar se: Quais as causas da evasão escolar na educação de jovens e adultos - EJA em uma escola pública do município da Serra-ES? A fim de responder esse problema, delimitou-se com objetivo geral analisar se a educação de jovens e adultos, oferecida nas escolas, atende às necessidades dos educandos e se a mesma oportuniza a formação da cidadania do aluno-trabalhador e verificar quais as reais causas da evasão escolar nesta modalidade de ensino. A justificativa do estudo está no fato de mostrar que para se falar da Educação de Jovens e Adultos é importante fazer um retrospecto histórico a respeito de sua origem no Brasil. Esse retrospecto que se pretende resgatar é a de que todos os homens fazem história, e que todos são afetados pelo rumo dos acontecimentos, sendo capazes de alterá-los, em suas dimensões de existência. Com isto, retiram-se os sujeitos do anonimato e resgata-se o papel de todos eles. Como metodologia, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica e uma de campo. A pesquisa foi realizada em uma escola do EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual) Ensino Fundamental Prof^a Maria Olinda de Oliveira Menezes. Assim, busca-se relatar a realidade vivenciada pelos educandos da EJA e o processo de evasão nesta modalidade de ensino. As conclusões mostraram que várias são as causas da evasão na EJA na escola do EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual) Ensino Fundamental Prof^a Maria Olinda de Oliveira Menezes, na Serra, destacando-se: causas sociais, políticas, culturais e pedagógicas. Entre as pedagógicas, pode-se destacar a falta de uma proposta pedagógica em que as disciplinas sejam integradas - já que no mundo elas não estão separadas e, o adulto, por carregar um conjunto de saberes que produziu na prática social, precisa de se "encontrar" nos conteúdos propostos para cada disciplina.

Palavras chave: EJA. Evasão. Educação. Escola Pública. Serra.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Em qual idade parou de estudar?

37

Tabela 2 - Qual escolaridade de seus pais?

38

Tabela 3 - Qual influência seus pais tiveram/tem na sua vida escolar?

38

Tabela 4 - O que motivou a sua saída da escola?

39

Tabela 5 - Qual a reação dos seus pais quando decidiu parar de estudar?

39

Tabela 6 - Porque resolveu retornar aos estudos?

40

Tabela 7 - Qual seu objetivo após concluir?

40

Tabela 8 - Gostaria que houvesse maior quantidade de aulas de Educação Física no EJA, visto que a obrigatoriedade é somente no 1º ano?

40

Tabela 9 - Qual sua sugestão para diminuir a evasão escolar?

42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Você tem filhos? Se sim, quantos?

36

Gráfico 2 - Em qual série parou de estudar?

37

Gráfico 3 - A Educação Física contribui para a permanência dos alunos na escola?

41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

10

2. REFERENCIAL TEÓRICO

13

2.1. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E O PAPEL CRÍTICO DO PROFESSOR

13

2.2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

18

2.3. EDUCADOR E EDUCANDO: SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

21

2.4. LEGISLAÇÃO SOBRE A EJA NO BRASIL

23

2.5. EVASÃO ESCOLAR NA EJA

27

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

32

3.1 CLASSIFICAÇÃO DE PESQUISA

32

3.2 CAMPO DE PESQUISA

32

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

32

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

33

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

34

4.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL NA SERRA

34

4.2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

36

5.

CONSIDERAÇÕES**FINAIS**

49

6.

REFERÊNCIAS

50

1 INTRODUÇÃO

O tema objeto de estudo foi a Educação de Jovens e Adultos - EJA, enfatizando-se a questão da evasão escolar nesta modalidade. Assim, pode-se ver que durante os tempos, pode-se ver que a história da educação de jovens e adultos, aconteceu de maneira negligenciada, em consequência de sempre estar ligada aos interesses econômicos que, mais que todos os outros interesses, determinam a vida dos países

e das pessoas, especialmente a das mais pobres (PEIXOTO, 1994).

Os movimentos sociais tem sido de grande significado pela construção de espaços de resistência que envolvem, sobretudo, a concepção da educação popular no desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos.

A população, ao participar de forma direta na construção da cidadania, tem realizado um importante papel para o estabelecimento de uma nova ordem democrática. Isto mostra que não é a vontade de um educador que resolve esse problema; do mesmo modo, somente ter uma política para a educação de jovens e adultos e assegurar o seu direito ao Ensino Fundamental também não resolvem (BEISIEGEL, 1974).

É importante notar que se não se souber bem por que educar jovens e adultos e para que educar, fazendo com que eles participem da definição desse projeto político, acaba-se incorrendo nas mesmas práticas que se repetem, mas não respondem ao grave problema que é ser excluído do direito à educação, na sociedade letrada em que se vive (BEISIEGEL, 1974).

A educação de jovens e adultos surge para atender a população que agora é urbana e precisa alcançar os códigos desta modernidade. Ela é fruto da exclusão e da desigualdade social e fazem parte deste processo, adultos e jovens, que não tiveram acesso à escola na idade própria.

Gadotti (1995) define a educação de jovens e adultos como:

É aquela que possibilita ao educando ler, escrever, e compreender a língua nacional, o domínio dos símbolos e operações matemáticas básicas, dos conhecimentos essenciais, das ciências sociais e naturais, e o acesso aos meios de produção cultural, entre os quais o lazer, a arte, a comunicação e esporte.

Gadotti enfatiza ainda que a educação de jovens e adultos foi muito relegada a um plano secundário, sem obter prioridade nas políticas educacionais. No entanto, jovens e adultos vão, aos poucos, ocupando os espaços do cenário educacional. Segundo Freire (1996, p. 50-51)

A Educação é um direito fundamental, universal e inalienável de todo ser humano. Em nossa sociedade atual, para fazer valer este direito se faz necessária a constante cobrança, a pressão dos setores organizados da sociedade civil para que o Estado cumpra este dever. A questão da Educação do povo se resolve sob a condição de uma firme vontade política de um

Governo compromissado, de fato, com os anseios da população.

Dessa forma observamos que o Estado deve criar condições para que a Educação de Jovens e Adultos seja tratada de maneira comprometida e séria, criando possibilidades para o desenvolvimento de indivíduos que não tiveram acesso na idade adequada.

Diante disso, o trabalho delimitou como problema central a ser investigado, verificar se: Quais as causas da evasão escolar na educação de jovens e adultos – EJA em uma escola pública do município da Serra-ES?

A fim de responder esse problema, delimitou-se com objetivo geral analisar se a educação de jovens e adultos, oferecida nas escolas, atende às necessidades dos educandos e se a mesma oportuniza a formação da cidadania do aluno-trabalhador e verificar quais as reais causas da evasão escolar nesta modalidade de ensino.

Ao se tratar da alfabetização de jovens e adultos, esta pesquisa tem como objetivos específicos os seguintes pontos: Caracteriza a história da educação da EJA; Identificar os desafios atuais que permeiam a Educação de Jovens e Adultos; Apresentar uma concepção de alfabetização baseada na construção dos conhecimentos necessários aos Jovens e Adultos, visando a formação do cidadão profissional; Verificar qual a razão das causas da evasão escolar na EJA.

A justificativa do estudo está no fato de mostrar que para se falar da Educação de Jovens e Adultos é importante fazer um retrospecto histórico a respeito de sua origem no Brasil. Esse retrospecto que se pretende resgatar é a de que todos os homens fazem história, e que todos são afetados pelo rumo dos acontecimentos, sendo capazes de alterá-los, em suas dimensões de existência. Com isto, retiram-se os sujeitos do anonimato e resgata-se o papel de todos eles.

A importância deste estudo se justifica na medida em que irá mostrar as causas da evasão escolar na modalidade EJA e ainda identificar que as relações democráticas na escola precisam ser estabelecidas com regras claras, que estabeleçam como será desenvolvido o trabalho pedagógico, de que forma todos participarão, as responsabilidades e compromissos de cada um, elaboração de calendário e horários que atendam às reais condições de quem estuda depois de uma jornada de trabalho.

No entanto, há uma certa distância entre a teoria e a realidade praticada.

O trabalho irá mostrar ainda que em relação à educação de jovens e adultos, observa-se que é a necessidade que motiva o processo educacional. Não qualquer necessidade, mas aquela que bate mais forte, que toca na sobrevivência. As pessoas só realmente retêm o que necessitam.

Por fim, a intenção é deixar evidenciado que a evasão na Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser evitada, uma vez que é um processo de ensino que, além de habilitar o educando na escolarização oficial, o forma para outras habilidades, valores e atitudes. É a escolarização inserindo outros processos educativos: formação cultural, profissional, pessoal, cidadã, a partir das situações e características dos educandos jovens e adultos, seus desejos, sonhos e ilusões.

Em relação à sua estrutura, o trabalho ficou assim distribuído:

O capítulo trata da introdução, onde se apresenta o problema de investigação e os objetivos propostos do tema. O capítulo segundo por sua vez, enfatiza o referencial teórico, demonstra conceitos a respeito dos seguintes tópicos: o papel crítico do professor; a importância da educação de jovens e adultos; a EJA e o método Paulo Freire, educando para a cidadania; a legislação sobre a EJA no Brasil; e por fim, a evasão escolar na EJA. Quanto ao terceiro capítulo, aborda os aspectos metodológicos, dando destaque para: a classificação de pesquisa; o campo de pesquisa; os sujeitos da pesquisa; e os instrumentos de coleta de dados. Os resultados e a discussão são apresentados no capítulo, que aborda ainda a caracterização da escola municipal na Serra; e os resultados e discussão do estudo realizado. O trabalho é finalizado apresentando-se as considerações finais e ponto de vista sobre o tema abordado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E O PAPEL CRÍTICO DO PROFESSOR

Em se tratando do processo de aprendizagem e seu papel crítico, entende-se que o educador crítico deverá possibilitar ao aluno tomar consciência da realidade no qual

está inserido. A partir desta visão de mundo, “o aluno será levado a refletir sobre sua situação, suas condições de vida e sua inserção nesta realidade, para a partir daí conseguir conscientizar-se do que acontece no seu mundo e mudar o que lhe for possível” (PINTO, 1989, p. 37).

O professor tem que saber identificar essas experiências de vida, a capacidade de fala de seus alunos, a capacidade que cada um revela ao discorrer sobre suas vivências, e incorporar a realidade vivida no ensino de línguas, de Matemática, de História, de Geografia e de Ciências Físicas, possibilitando ao aluno progredir no conhecimento a partir do reconhecimento de sua própria realidade, não através de um currículo fechado, conteudista, tradicional, formal construído de regras sobre regras, onde o educador é o dono da verdade e do saber.

E ao falar sobre tais práticas pedagógicas é importante que os professores percebam os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do que se pretende estudar, porque esses conhecimentos serão utilizados na realização das novas aprendizagens; o sucesso dessa aprendizagem depende das relações que os alunos conseguem estabelecer entre seus conhecimentos prévios e as novas informações propostas.

Piconez (2009) pontua dizendo que

sugere que reflita, também, sobre alguns aspectos essenciais, tais como: Que se conheça esse aluno adulto, sua história de vida, suas experiências e necessidades, seus processos operatórios de aprendizagem; que se considere toda e qualquer bagagem anterior à escola – seus conhecimentos prévios adquiridos em sua cultura de origem, valores, crenças, em seu ambiente de trabalho etc.; que se considere que sua capacidade de aprendizagem é potencialmente capaz de apropriação dos conteúdos científicos e formais; que se tenha como resultado a ampliação da capacidade de estabelecer relações entre sua bagagem e o conhecimento novo, com significado, e que respeite o direito que ele tem de utilizar tanto o conhecimento novo como o anterior, na vida de seu cotidiano. (PICONEZ, 2009, p. 98).

A escola não pode ser apenas um local onde os alunos vão para decorar letras, sons e tabuadas, e sim onde possa compreender a leitura e escrita com significados, onde o professor possa possibilitar o aluno a relacionar o sentido do conteúdo a ser aprendido com o que já traz consigo, ou seja, com suas experiências que já possuem para que o conteúdo novo não ficasse solto, e sim amarrado a uma estrutura de conhecimentos ligados entre si.

O professor como mediador deve trabalhar com essas palavras e frases com significados, baseadas em seu contexto social e em seus conhecimentos da língua, mobilizando toda estrutura cognitiva do aluno, o professor agindo dessa forma evita uma aprendizagem apenas de memória, facilmente esquecida. Nesse sentido, Paulo Freire pontua:

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade... A educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história. E que devemos ser todos sujeitos, solidários nesta tarefa conjunta, único caminho para a construção de uma sociedade na qual não existirão mais exploradores e explorados, dominantes doando sua palavra opressora a dominados (FREIRE, 1997, p. 39).

A educação escolar deve zelar por essa relação, reconhecendo as habilidades cognitivas de seus alunos e proporcionando momentos de atuação sobre a construção do próprio conhecimento que o aluno traz consigo, pois antes mesmo desse aluno ir à escola ele já traz consigo experiências, e não está desprovido de conhecimento, de certa forma ele sabe de alguma coisa, talvez de uma maneira que não aceitamos pelo simples fato dele não saber ler e escrever, ai consideramos que ele não sabe de nada. Ainda de acordo com Freire (2001):

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos de ir além dele. Precisamos de conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos (FREIRE, 2001, p.71).

Dessa forma, o professor tem um papel importante em sala de aula, pois ele é um ser “mediador” nas relações do aluno com o conhecimento e, ele também se constrói a partir dessa interação com o meio e com o outro, que são construídos através das relações. Quando há mediações o professor ajudar o aluno a construir seus próprios significados, a descobrir novos horizontes que às vezes adormecidos.

O professor deve ter clareza que não apenas ele é o dono, detentor da verdade e do saber, tem que ter consciência que o aluno pode construir planejar e desenvolver situações de aprendizagem significativas, que ativem, ampliem e/ ou transformem o seu conhecimento, isso se dará através de uma relação de mediação, dialógica.

Quando o professor passar a respeitar esse sujeito, reconhecendo que ele traz consigo

valores, que podem estar adormecidos, e que precisa ser despertados, quando chegar a essa conclusão se processará uma aprendizagem significativa.

De acordo com Vygotsky (2008, p. 26), “o sujeito não é um sujeito apenas passivo, mas um sujeito que está sempre num constante processo de interação, sendo dessa forma um indivíduo ativo”, que através de sua interação está construindo conhecimentos com outros do seu meio, através de suas constantes relações interpessoais. Quando há essa troca de mediações com outros indivíduos e com o meio do qual está inserido, passa-se dessa forma a desenvolver funções sociais, que no decorrer vão sendo internalizados, canalizados possibilitando a construção de novos saberes, onde se desenvolverá nesse sujeito uma personalidade interativa, sociocultural e consciente.

Vygotsky ainda diz que “O aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 2008, p. 103).

O professor a partir de uma reflexão da teoria/prática no cotidiano escolar tem que reconhecer que ele (professor) não é o controlador da aprendizagem dos alunos, mas facilitador do ensino através da mediação, de educador em relação às dificuldades das tarefas, até a familiaridade do aluno com o ensino, criando condições para o sucesso da aprendizagem e a progressão das atividades. Assim sendo, o professor deverá compreender o seu educando, ter um olhar diferenciado para com o mesmo, exercitar a prática dialógica, vendo-o como um sujeito em potencial da aprendizagem, certamente contribuirá efetivamente, para sua permanência na escola e uma aprendizagem com qualidade.

Outro fator importante desse processo é o diálogo, o qual facilita a compreensão e interpretação dos fatos. Havendo diálogo haverá sempre a possibilidade de negociação e de melhoria dos acordos e acertos. Nesse sentido, pontua Gadotti (1996) dizendo que:

O diálogo é, portanto, uma exigência existencial, que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido. Ultrapassando suas “situações-limites”, o educando chega a uma visão totalizante do programa, dos temas geradores, da apreensão das contradições até a última etapa do desenvolvimento de cada estudo (GADOTTI, 1996, p.86).

Dada tal importância ao diálogo, é possível dizer que, é essencial no processo ensino-aprendizagem, dialogar não pode ser apenas “depositar” certa quantidade de matérias e conteúdos nos alunos, mas socializar para uma reflexão-ação. Dialogar vai muito além do que ensinar, conversar, ou de implantar ideias polemizando. Mas é uma transmissão que gera uma reflexão coletiva visando criar ou aprimorar ações emancipadoras dos oprimidos. O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. “Designar o mundo, que é ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo” (FREIRE, 1980, p. 83).

Freire (1987, p. 46) defende o poder do diálogo e diz que é “inerente á condição humana, é o ponto primordial entre os seres humanos, uma ponte que liga professor/aluno no processo de ensinar”, onde se dá a conscientização dos educandos e sem o diálogo não acontece o ato de ensinar, sendo assim é o ponto central no processo de ensino aprendizagem. Ainda de acordo com Freire (1987) a visão de “educação bancária” é errônea, uma vez que nesta postura, o professor se coloca como dono do conhecimento e do saber, depositando no aluno apenas certa quantidade do conhecimento, onde o aluno absorve passivamente. O autor define tal prática através de dez prioridades, que são:

(a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; (b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; (c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; (d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; (e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; (f) o educador é o que opta e prescreve a sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; (g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; (h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais são ouvidos nesta escolha, acomodam-se a ele; (i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que se opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; (j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 1987, p. 34).

Dentro dessa visão o educador detém o conhecimento, e impõe sobre o educando apenas aquilo que ele quer transmitir, apenas memorização dos conteúdos o acha melhor para ele, sem ao menos da oportunidade para que o aluno questione ou expresse seu ponto de vista ou para que haja uma difusão do conhecimento, o alienando, fazendo com que não posicione, ignorando como se o educador soubesse de tudo e o educando nada sabe. Dessa forma, o método pode ser válido para um, mas não para todos, cada aluno tem suas necessidades e suas especificidades de

desenvolvimento na sua aprendizagem.

Não pode haver conhecimento, pois os educando não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. Não realizam nenhum ato cognoscitivo, uma vez que o objeto que deveria ser posto como incidência do ato cognoscente é posse do educador e não mediatizador da reflexão crítica de ambos (FREIRE, 1987, p. 40).

Podemos perceber que o autor descarta a concepção da educação bancária a qual nega a dialogicidade, que apenas usa de dominação, aponta para uma educação libertadora e problematizadora onde o aluno possa participar questionar, refletir, seja um ser reflexivo, onde educador e educando participem juntos através do diálogo. Logo então,

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem junto e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem (FREIRE, 1987, p. 39).

Nunca é demais dizer que, tanto educador quanto o aluno são sujeitos do aprendizado, o conhecimento que o aluno já possui é importante que seja compartilhado com o professor e não pode ser descartado ou ignorado é tão importante quanto o que o professor traz consigo, gerando a construção conjunta dos saberes, por isso que Freire defende tal forma de aprendizagem que se dá através da humildade, que para ele é primordial.

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito para caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 1987, p.46).

O professor tem que enxergar o aluno com um olhar de amor, deve interagir com o aluno, entender o mundo dele, caminhar, ficar, mas próximo desse aluno, vivenciar, ver o mundo do aluno para a partir daí fazer as interações que são necessárias.

Portanto, é através do diálogo e do amor que é possível gerar uma ação libertadora, na relação em sala de aula que o educador poderá conhecer os pensamentos e as necessidades do educando, para assim poder auxiliá-los em suas dúvidas e questionamentos sobre o que está aprendendo ou não. O diálogo com amor move e rompe barreiras mais profundas, libertando ambos da dominação-opressão. É no dialogo e nas ações de humildade dos sujeitos que acontece a transmissão de conhecimentos e de novos saberes, contribuindo dessa forma no processo de ensino

aprendizagem. E esta humildade é imprescindível na relação dialógica.

2.2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Em se tratando da questão do processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos é importante mencionar o fato de que os alunos dessa modalidade de educação são em sua maioria provenientes de um abandono escolar no período formal da educação. Nesse sentido, Paulo Freire utilizou um método de alfabetização de adulto que era baseado nas palavras geradoras. Utilizava-se de temas geradores e a partir daí relacionava-os com a vivência e a realidade de mundo dos alunos.

Segundo Harmon, “[...] a pedagogia proposta por Freire é fundamentada numa antropologia filosófica dialética cuja meta é o engajamento do indivíduo na luta por transformações sociais” (HARMON, 1975, p. 89 APUD FEITOSA, 2009).

Assim sendo, nos dizeres de Paulo Freire (2007), a educação deve ser permeada por contextualização do mundo, ou seja, deve-se ensinar a partir da vivência e da realidade do aluno em sua diversidade. Observa-se que a metodologia de ensino desenvolvida por este educador foi inovadora na medida em que ensinava através da palavra mediatizada pelo mundo.

Entendemos que a aprendizagem acontece a todo o momento e que o aluno está envolvido com as práticas da aprendizagem com a mediação do professor.

Em se tratando do processo de alfabetização de adultos no Estado do Espírito Santo, acredita-se que Paulo Freire (2007) utiliza do mesmo argumento para alfabetizar, onde deve-se utilizar palavras geradoras para facilitar a compreensão por parte dos alunos.

Assim, tendo por base que o Estado do Espírito Santo está atualmente com o pátio da construção civil em plenas obras, nota-se um grande número de profissionais pedreiros e ajudantes que ainda não são alfabetizados. Tomando-se como base a palavra geradora desse universo, tem-se, por exemplo, a palavra “tijolo” e partir daí constroem-se seu conhecimento e sua alfabetização através da reconstrução da realidade que lhe era apresentada.

Nessa perspectiva, Laffin (2011) nos ajuda a pensar quando nos diz que a mediação pedagógica não deve ter como pressuposto os moldes utilitaristas, imediatistas, mas a busca do conhecimento precisa partir de um processo de aprendizagem, ou seja, dos princípios reais de vida do aluno. Dessa forma haverá possibilidades de aprimorar os conhecimentos ditos do mundo letrado como diz Paulo Freire:

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa ou se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele (FREIRE, 2001, p.11).

Nesse espaço/tempo, o professor tem que ser dinâmico usando sua criatividade para resgatar no aluno sua vivência e com isso trabalhar numa perspectiva contextualizada.

Segundo Freire (2007, p. 23) “ao olhar para esse sujeito o descreve não apenas como um ser histórico, mas como sujeito cultural, social, reflexivo e crítico, dotados de potencial e conhecimentos”, pois já traz consigo uma bagagem de vida capaz de desenvolver não apenas atividades impostas, mas a si mesmo como objeto de consciência como um sujeito que toma suas próprias decisões, que intervém, pensa, que se refaz e (re) constrói fazendo-se ser ético.

Aqui o educando, por suposição, está privado do saber que vai adquirir, mas não da consciência de sua situação, de julgamento de si e da qualidade do professor que lhe dará a instrução (ainda quando tal consciência não seja clara). Em contra partida o educador deve ser um direcionador do educando, ensinando-lhe a construir seu conhecimento e ao mesmo tempo ser um agente pensante, questionador e crítico da realidade. Isso fará com que exista entre educando e educador um diálogo e uma troca de experiências mutuas.

Nesse sentido, Pinto (1989, p. 113) sustenta que, “[...] o educador ingênuo não reconhece no aluno sua qualidade de sujeito e por isso julga ser o único sujeito do ato pedagógico. Com isso corrompe e deixa incompreendido tudo o que é essencial a este ato: o encontro de consciências”. Dessa forma, percebe-se que nas políticas da EJA a ideia e propostas de organizar a forma de trabalhar no processo de alfabetização, há reflexão sobre como está sendo esse processo de alfabetização, para que a educação possa ser garantida como esses sujeitos.

A escola, inserida num meio social em constante transformação é o espaço onde

professores e alunos ao interagirem, estão colocando à mostra seus saberes e aprendizagens com significados e sentidos verdadeiros. É importante destacar que existem professores que utilizam de métodos ultrapassados, não valorizando o contexto histórico, social e cultural desses sujeitos.

O trabalho aparece como parte da essência daqueles e daquelas que nascem e crescem na roça, atribuindo “o primeiro lugar nas atividades humanas, por levar ao aperfeiçoamento moral e à elevação geral dos padrões éticos da sociedade” (BAUMAN, 2001, p. 158).

Contudo, o mundo moderno exige que esses sujeitos valorizem as suas experiências de vida, e que através de conhecimentos dominem a construção do saber do mundo múltiplo, do diverso, os quais esses desafios constroem práticas eficazes de alfabetização significativas, onde os jovens e adultos tenha domínio na práxis pela escrita, quanto na interpretação além da oralidade. Nesse sentido, Piconez (2009, p. 34) relata que:

[...] Importa trazer para a sala de aula as vivências do aluno, colhidas em seu meio ambiente e que estão relacionadas com os conteúdos escolares. Poder-se-ia, dessa forma, enriquecer os meios didáticos usualmente empregados, além de atingir a tão almejada valorização e priorização do aluno. Isso tem mostrado que a qualidade de ensino pode trazer no seu bojo a melhoria da auto-estima do aluno, que é mais uma condição para sua efetiva autonomia no processo de aprendizagem.

Assim sendo, toda a gama de comportamentos que compõem a rotina escolar concorre para educar, formam o caráter, desenvolvem conceitos éticos e políticos, desde a simples composição do horário até a recepção da merenda, passando pela realização de festas, promoções cívicas, orientações de especialistas. Aqui, o processo pedagógico não se limita à sala de aula, mas ao ambiente geral da unidade escolar. O aluno começa a compreender o valor da escola e o seu sentido a partir do momento em que nela ingressa: a partir desse momento, todos os que aí atuam são educadores, todas as atividades, planejadas ou não, são educativas.

É importante destacar que toda a gama de comportamentos que compõem a rotina escolar concorre para educar, formar o caráter, desenvolvem conceitos éticos e políticos, desde a simples composição do horário até a recepção da merenda, passando pela realização de festas, promoções cívicas, orientações de especialistas. Desta maneira, considera-se que na escola há de ter sempre presente esse fato extremamente

importante, para o qual é preciso compreender o papel do educador nas dimensões assinaladas para que se alcance o objetivo central da educação, a formação integral dos alunos.

2.3. EDUCADOR E EDUCANDO: SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

Para se compreender o processo de ensino aprendizagem na EJA, tem-se que levar em consideração o perfil do educador, compreender sua atuação, analisar sua trajetória profissional, seu olhar sobre a escolarização na concepção do processo de ensino e aprendizagem. Nessa forma, a sociedade educa o educador num processo sem fim e de complexidade crescente. Nos termos de Pinto (1989, p. 112) “o saber tem caráter exponencial e isso não somente na existência histórica coletiva senão também na formação pessoal do educador”.

Nessa perspectiva, o processo educativo, deverá embasar-se na didática e entender que as teorias são elaboradas para explicar de forma sistemática, determinados fenômenos e a ele cabe o discernimento na sua aplicação, para que se estabeleçam parâmetros entre o real e o ideal, entre a teoria e a prática. Além disto, deve fornecer elementos para o professor de EJA deve analisar criticamente sua prática pedagógica, visto que ação e reflexão compõem um todo inseparável, pois a separação entre a teoria e a prática, entre o “que fazer” e o “como fazer” conduz a distorções complexas na prática educacional. De acordo com Ribeiro (1994, p. 54)

A capacitação crescente do educador se faz, assim, por duas vias: a via externa, representada por cursos de aperfeiçoamento, seminários, leitura de periódicos especializados, etc.; e a via interior, que é a indagação à qual cada professor se submete, relativa ao cumprimento de seu papel social.

Uma forma em que se pratica com grande eficiência esta análise é o debate coletivo, a crítica recíproca, a permuta de pontos de vista, para que os educadores conheçam as opiniões de seus colegas sobre os problemas comuns, as sugestões que outros fazem e se aproveitam das conclusões destes debates. Assim sendo, percebe-se uma necessidade clara de um aperfeiçoamento e uma capacidade mais críticas do educador diante da realidade que lhe apresenta. O educador deve valorizar sobre tudo

sua bagagem cultural e social para a partir destes prismas se tornar um agente social transformador da realidade. Contudo, é preciso considerar a importância dos elementos socioculturais na constituição das características da idade adulta. Ou seja, as experiências e circunstâncias culturais, históricas e sociais contribuem para promover constantemente situações de aprendizagem e do desenvolvimento psicológico.

Nessa perspectiva, é fundamental perceber quem é esse sujeito com o qual lidamos para que os conteúdos a serem trabalhados façam sentido, tenham significados, sejam elementos concretos na sua formação, instrumentalizando-o para uma intervenção significativa na sua realidade. Pois, é através da história de vida é que se pode analisar o processo de escolarização dos alunos da EJA, através do contexto social, das experiências de vidas desses sujeitos, tanto professores e educandos vêm traçando objetivos para que esse processo de aprendizagem seja construído. Nesse sendo, Piconez (2009) pontua que:

[...] Importa trazer para a sala de aula as vivências do aluno, colhidas em seu meio ambiente e que estão relacionadas com os conteúdos escolares. Poder-se-ia, dessa forma, enriquecer os meios didáticos usualmente empregados, além de atingir a tão almejada valorização e priorização do aluno. Isso tem mostrado que a qualidade de ensino pode trazer no seu bojo a melhoria da auto-estima do aluno, que é mais uma condição para sua efetiva autonomia no processo de aprendizagem (PICONEZ, 2009, p. 50).

Para que a aprendizagem seja significativa deve levar em conta o conhecimento que o educando traz consigo, o conhecimento do mundo do qual esse sujeito se encontra inserido, tanto da sua cultura, ideologia, práticas discursivas. Não impondo sobre este indivíduo padrões e conceitos da cultura letrada, mas fazendo que esse adulto participe da cultura letrada reformulando valores, conceitos e atitudes.

Portanto, o aluno passa a construir conhecimentos prévios no momento de sua inserção no mundo, quando passa a interagir/mediar com outros seres, onde vai relacionar a informação ao conhecimento que já traz consigo, passando a desenvolver, refletir, justificar suas ideias, compará-las e até descobrir ideias diferentes e ter consciências delas. Pois, agindo dessa forma o educador está respeitando o educando, e contribuindo para que desenvolva neste sujeito uma aprendizagem significativa onde se ampliem e ou/ transformem o conhecimento.

2.4. LEGISLAÇÃO SOBRE A EJA NO BRASIL

Iniciamos pensando sobre duas questões, por um lado o fato da Constituição Federal ter incorporado em seu Art. 205, o princípio de que qualquer educação deve possibilitar o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o (BRASIL, 2014).

Por outro lado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, consagra em Art. 2º, o princípio que abarca todas as pessoas e estudantes sem limitações na escola. Então, a Educação de Jovens e Adultos e Idosos é um modo de se esforçar para a igualdade de acesso à educação como um bem social (BRASIL, 2014).

Nesse cenário, se observa que estas determinações são substância não só para representar a dialética entre dívida social, abertura e promessa, mas também como princípios gerais, fazendo com que possibilite aos cidadãos direito e dever do Estado, mesmo no quadro constitucional. Sendo assim, o Art. 208 da – Constituição Federal alterado pela Emenda Constitucional Nº 59, de 11 de novembro de 2009, os Incisos I e VII passam a vigorar com as seguintes alterações:

- I – “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;
- II – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde” (BRASIL, 2014).

Trata-se de um direito positivado, constitucionalizado e cercado de mecanismos financeiros e jurídicos de sustentação. Esclarecemos que, a Educação de Jovens e Adultos está baseada no que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB 9.394.96, no Parecer CNE/CEB Nº11/2000, na Resolução CNE/CEB Nº01/2000, no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172/01), no Plano de Desenvolvimento da Educação, nos Compromissos e acordos internacionais (BRASIL, 2014).

Entende-se que as políticas educacionais se constituem como a chave de decodificação para o processo de inserção dos jovens na educação, visto que um dos

indicadores para a reconfiguração da EJA é configurar-se como um campo de políticas públicas, considerando que o Estado se torne responsável por essa educação com a finalidade precípua de garantir o acesso e permanência na educação e demais direitos (ARROYO, 2011).

Verifica-se diante deste cenário que os educandos da EJA são sujeitos de direitos que buscam, de certa forma, lutar para superar suas condições de vida, para se tornar de fato capazes de ter uma vida digna através da educação.

Podemos observar, que os direitos só serão alcançados, conquistados e resgatados a partir do momento em que reconhecerem essa dívida, não somente “reconhecer por reconhecer”, mas colocá-la em prática, para que dessa forma a educação venha ser um direito de fato, mas isso só ocorrerá quando houver um desafio por parte das políticas públicas, quando realmente houver investimento nesta categoria, visando uma formação de qualidade e promovendo uma Política Educacional significativa, fazendo verdadeiramente uma renovação no sistema de ensino de um modo geral.

Ainda com relação à lei 9394/96, destacamos que nela contém artigos específicos que garantem a oferta de educação regular para jovens e adultos que deve ter características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola.

Assim sendo, a referida lei vem amparar o trabalhador, o cidadão que busca por melhores condições de vida. É importante destacar que com a aprovação da Lei 9.424/96, o ensino de jovens e adultos passou a concorrer com a educação infantil no âmbito municipal e com o ensino médio no âmbito estadual pelos recursos públicos não capturados pelo Fundef.

É importante destacar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), trata da educação de jovens e adultos no Título V, capítulo II como modalidade da educação básica, superando sua dimensão de ensino supletivo, regulamentando sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental (BRASIL, 2014).

Com relação às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos

(Parecer CNE/CEB 11/2000 e Resolução CNE/CEB 1/2000) - devem ser observadas na oferta e estrutura dos componentes curriculares dessa modalidade de ensino, estabelece que: Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio (BRASIL, 2014).

Tal lei foi criada para as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade regular, devido as inadequações do sistema de ensino, motivos socioeconômicos, cultural e por isso, trazem a marca da exclusão social. De acordo com Paiva (2009, p. 133) "a perspectiva do direito como caminho para efetivação da democracia educacional inaugura, não apenas para as crianças, mas principalmente para jovens e adultos, uma nova história na educação brasileira".

Dessa forma a Educação de Jovens e Adultos é um direito garantido por lei, que vem de encontro a atender a essa classe de indivíduos ao qual foi negado, seja durante a infância ou adolescência, seja pela negligência por parte das Políticas Públicas ficando em segundo plano. Que esse direito não fique somente para escolarizar, ou apenas ler e escrever, desenhar, mas para que esse sujeito possa aprender ampliar conhecimentos e saberes, tornando assim pessoas reflexivas e socioeconômicas, levando em conta a história de vida que já trazem consigo na trajetória de vida, conhecimentos significativos para uma vida em sociedade. Segundo Laffin, (2011) ao falar sobre os direitos da EJA ele cita:

[...] É importante refletir e assumir a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva do direito, que desde a Constituição de 1988, tornou-se um direito de todos os que não tiveram acesso à elevação da escolaridade ou que tiveram esse acesso, mas não puderam dar continuidade. A esse direito junta-se uma concepção ampliada de Educação de Jovens e Adultos que entende educação pública e gratuita como direito universal de aprender, de ampliar e partilhar conhecimentos e saberes acumulados ao longo da vida, e não apenas de se escolarizar (LAFFIM, 2011, p. 282-283).

O referido autor diz que os sujeitos que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos, possui uma diversidade muito grande, e que essa modalidade de ensino é composta de peculiaridades, que tais direitos encontram-se reconhecidos e garantidos nas Diretrizes para a Educação de Jovens e Adultos (DCNs/EJA Resolução CNB/CEB Nº. 1, de 5 de julho de 2000/ Parecer 11/2000 do CNE). O autor ainda continua a relatar

que a legislação também tem reconhecido as diversidades e as particularidades dos espaços em que se desenvolve, a EJA, e tem se observado a preocupação em garantir por vias legais o direito à escolarização em qualquer fase da vida seja cumprido.

No entanto, a reconfiguração da EJA é uma esfera ainda carregada de complexidades que precisa de uma definição clara, pois, segundo Arroyo (2011), a EJA continua a ser entendida a partir de uma visão errônea do ser jovem e adulto na concepção de evadidos ou excluídos, sendo imprescindível desmistificar esse posicionamento, pois:

A EJA somente será reconfigurada se esse olhar for revisto. Se o direito à educação ultrapassar a oferta de uma segunda oportunidade de escolarização, ou na medida em que esses milhões de jovens-adultos forem vistos para além dessas carências. Um novo olhar deverá ser construído, que os reconheça como jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos. Percursos sociais onde se revelam os limites e possibilidades de ser reconhecidos como sujeitos dos direitos humanos. Vistos nessa pluralidade de direitos, se destacam ainda mais as possibilidades e limites da garantia de seu direito à educação (ARROYO, 2011, p. 23).

Como a cobertura escolar nestes dois níveis de ensino é deficitária e a demanda social explícita por eles muito maior, a expansão do financiamento da educação básica de jovens e adultos condição para a expansão da matrícula e melhoria de qualidade experimenta dificuldades ainda maiores, que se refletem em nossa sociedade (HADDAD, 1997).

O quadro a seguir ilustra com precisão a ordenação da legislação referente à educação de jovens e adultos no país.

QUADRO 1 – LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTO NO BRASIL

Constituição Federal de 1988 – estabelece que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família..." e ainda, ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive sua oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.
Parecer 05/97 do Conselho Nacional de Educação - aborda a questão da denominação "Educação de Jovens e Adultos" e "Ensino Supletivo", define os limites de idade fixados para que jovens e adultos se submetam a exames supletivos, define as competências dos sistemas de ensino e explicita as possibilidades de certificação.
Parecer 12/97 do Conselho Nacional de Educação – elucida dúvidas sobre cursos e exames supletivos e outras.

Parecer 11/99 do Conselho Nacional de Educação – aborda o objeto da portaria ministerial nº. 754/99 que dispõe sobre a prestação de exames supletivos pelos brasileiros residentes no Japão.
Resolução CNE/CEB nº1, de 5 de julho de 2000 - Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.
Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação - faz referência às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Fonte: <http://mariahelenaribeiro.blogspot.com.br/2009/01/legislacao-sobre-educacao-de-jovens>

Portanto, analisando nossa legislação, percebemos que toda educação básica está garantida e vai muito além de um mero direito constitucional, posto que representa o próprio exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade.

2.5. EVASÃO ESCOLAR NA EJA

As mudanças Sociais trouxeram novas exigências de formação, ampliando o espaço de educação formal. Reflexo disso é o número elevado de pessoas jovens e adultas, que estavam fora da Educação Básica, que voltam aos bancos escolares e aos programas de EJA.

A Educação de Jovens e Adultos vem sendo marcada ao longo de sua história pela “indefinição, voluntarismo, campanhas emergenciais, soluções conjunturais” (ARROYO, 2011, p. 20), levando as políticas públicas a se direcionarem para a escolarização daqueles que não tiveram acesso à educação no período regular.

Acredita-se que a não conclusão das etapas de escolarização estejam ligadas há vários fatores de diferentes naturezas: sociais, culturais, políticas, econômicas, pedagógicas, consideradas determinantes para a não democratização da educação (DIAS, s/d).

Estudiosos como Gadotti (2000) destacam que dentre as consequências desses fatores, a evasão escolar é "a vilã". Estatísticas revelam que é elevada nessa modalidade.

A visão geral que se obteve, após a leitura das referências pesquisadas, mostra que

a evasão escolar está presente em qualquer lugar onde esteja estabelecida a educação escolarizada, em todas as faixas etárias, em maior ou menor grau conforme a classe econômica do aluno ou sua família. Ou seja, o fenômeno do fracasso e da evasão escolar não é exclusivo da EJA (CARMO, S/D).

Campos (2003) desenvolveu sua pesquisa acerca da relação trabalho/ educação na EJA. A autora, ao trazer um breve histórico das políticas públicas educacionais da EJA notou que o pouco que foi feito não permite que jovens e adultos possam inserir-se e manter-se como trabalhadores-cidadãos em condições de igualdade e competitividade no mercado de trabalho, além de não permitir a promoção do acesso e permanência a uma educação básica, de qualidade.

A autora, ao tratar dos motivos da infrequência dos alunos trabalhadores jovens e adultos em um curso de alfabetização oferecido pelo PROEF-I (Projeto de Ensino Fundamental – 1º Segmento) da UFMG assinala que em muitos desses trabalhadores/alunos que buscam a (re) escolarização há uma contradição entre o seu discurso e a realidade. Os alunos afirmam que estudar é importante, mas quando estão matriculados em um programa de EJA, o que se verifica é uma significativa taxa de infrequência.

De acordo com Luck (2001), um grande desafio que se apresenta para a escola nos dias atuais, é a garantia da permanência das pessoas jovens e adultas no sistema formal de educação e a conclusão da educação básica. Esta tem início no processo de alfabetização cujo objetivo é a construção contínua para o desenvolvimento de uma aprendizagem consciente, a fim de viabilizar e manter alunos que não tiveram oportunidade de frequentar uma escola quando em idade própria.

No entanto, segundo Magda Soares (2000), o que se pode constatar é que os programas desenvolvidos na alfabetização geralmente trabalham mais a mecânica da leitura e da escrita no sentido da codificação / decodificação da língua escrita, do que no sentido acima destacado. Essa pode ser uma das razões que levam os jovens e adultos a se desmotivar pela continuidade no processo de aprendizagem e evadirem da escola, ou ainda, mesmo embora alfabetizada a população, não domina as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita.

A evasão inviabiliza a concretização de qualquer iniciativa no sentido da universalização da aprendizagem da leitura e da escrita, em qualquer programa que as diferentes instâncias administrativas venham a oferecer. Exemplo disso são os dados apresentados pelo IBGE (2006), que revelam a existência de tantos analfabetos, embora já tenha ocorrido uma diminuição considerável de 1997 para cá, quando foram implantados os programas específicos de alfabetização envolvendo Universidades e órgãos governamentais.

Entretanto, cabe ressaltar que infrequência não está relacionada com o mesmo conceito de “evasão”. Para Campos (2003) a evasão escolar na EJA pode ser registrada como um abandono por um tempo determinado ou não. Diversas razões de ordem social e principalmente econômica concorrem para a “evasão” escolar dentro da EJA, transpondo a sala de aula e indo além dos muros da escola.

Campos (2003) citando Fonseca (2002), afirma que os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando o jovem e adulto deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles.

Em se tratando da questão das causas da evasão escolar na EJA, Santos, M. A. (2007) destacam-se alguns fatores que contribuem para esse processo: a distância da escola; o cansaço do alfabetizando que trabalha o dia inteiro; a inadequação da sala de aula para jovens e adultos/ com a especificidade da EJA, pois, muitas vezes o professor não valoriza a experiência de vida que este aluno já traz consigo, como trabalhador, como adulto inserido num processo de idoso, que muitas vezes não tem iluminação adequada; a ausência de um lanche a ser distribuído ao aluno que vem direto do trabalho para a escola; e o despreparo do corpo docente para trabalhar produção.

Sabe-se que o problema da evasão e da repetência escolar no país e até mesmo na escola do EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual) Ensino Fundamental Prof^a Maria Olinda de Oliveira Menezes, tem sido um

dos maiores desafios enfrentados pelas redes do ensino público, pois as causas e conseqüências estão ligadas a muitos fatores como social, cultural, político e econômico, como também a escola onde professores têm contribuído a cada dia para o problema se agravar, diante de uma prática didática ultrapassada.

Segundo Gadotti (2000), acredita-se que várias são as causas da evasão em EJA: causas sociais, políticas, culturais e pedagógicas. Entre as pedagógicas, pode-se destacar a falta de uma proposta pedagógica em que as disciplinas sejam integradas - já que no mundo elas não estão separadas e, o adulto, por carregar um conjunto de saberes que produziu na prática social, precisa de se "encontrar" nos conteúdos propostos para cada disciplina.

Geralmente quando o adulto volta para a escola sente-se um pouco retraído, vê-se como uma pessoa já velha, que não teve oportunidades. Cabe ao professor estimulá-lo a fim de que ele possa participar de todas as atividades propostas e que possa se sentir bem com o seu grupo de estudos.

Pode-se começar a analisar a escola desde o convívio do educando e suas relações com os educadores, pois sabemos que a nossa comunidade está inserida em um município carente com poucos recursos, na qual não tem condições de gerar renda e as camadas populares tornam-se ociosas e sem perspectivas de vida.

Os alunos, frutos desta pesquisa, foram os da EJA na escola do EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual) Ensino Fundamental Profª Maria Olinda de Oliveira Menezes, que na maioria são de baixa renda, desempregados, domésticas, vendedores ambulantes e outros sem profissão definida, que precisam se deslocar dentro do município, buscando uma forma de sobreviver, enquanto outros são jovens de lares desajustados.

Algumas das causas detectadas na escola do EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual) Ensino Fundamental Profª Maria Olinda de Oliveira Menezes, são:

- a diferença etária ou juvenização na EJA,
- mudanças climáticas em determinadas regiões,

- falta de metodologia adequada para a modalidade,
- professores despreparados para trabalhar com turmas heterogeneas,
- ausência de calendário flexível que é uma das causas da evasão no município.

O trabalho mostrou ainda que em relação à educação de jovens e adultos, observa-se que é a necessidade que motiva o processo educacional. Não qualquer necessidade, mas aquela que bate mais forte, que toca na sobrevivência. As pessoas só realmente retêm o que necessitam.

Por fim, a intenção foi evidenciar que a evasão na Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser evitada, uma vez que é um processo de ensino que, além de habilitar o educando na escolarização oficial, o forma para outras habilidades, valores e atitudes. É a escolarização inserindo outros processos educativos: formação cultural, profissional, pessoal, cidadã, a partir das situações e características dos educandos jovens e adultos, seus desejos, sonhos e ilusões.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 CLASSIFICAÇÃO DE PESQUISA

A abordagem deste estudo se caracterizou como uma pesquisa quantitativa, pois pretende-se buscar e aprofundar nas entrevistas através de resultados estatísticos. A intenção foi compreender a questão da evasão e as dificuldades encontradas pelos alunos da EJA em relação ao processo de aprendizagem. Assim, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, através de entrevista ao público alvo do estudo.

3.2 CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola do EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual) Ensino Fundamental Profª Maria Olinda de Oliveira Menezes. Assim, busca-se relatar a realidade vivenciada pelos educandos da EJA e o processo de evasão nesta modalidade de ensino.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Alunos: Foram entrevistados 31 alunos.

Tempo de duração da pesquisa: Período Noturno no dia 7 de abril de 2021 a 11 de abril de 2021.

Análise dos dados: A análise ocorreu através da interpretação das informações coletadas, onde, foi se redigindo o relatório e discutindo com os autores do referencial teórico, posteriormente apresentadndo-se a fala dos entrevistados na sequencia.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Com relação a coleta de dados, essa constitui-se em um momento de grande valia para a investigação. De acordo com Lakatos e Marconi (1991).

Nesta etapa de investigação são aplicados os instrumentos determinados e utilizadas as técnicas selecionadas para que se efetue a coleta dos dados referentes à pesquisa. Esta tarefa existe grande esforço do pesquisador, que deve ter grande cuidado no registro desses dados (p. 22).

Os instrumentos de coleta de dados foram: entrevista semiestruturada e analise documental. É importante destacar que o mais importante no processo de nossa pesquisa foi a interação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa. É imporatnte destacar que os dados coletados, foram de fundamental importancia para a nossa pesquisa.

Em nossa pesquisa, os documentos analisados foram: o projeto Político-Pedagógico

da escola; o diário de classe da professora; documentos da Secretaria Municipal de Educação da Serra-ES.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL NA SERRA

EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual)
Profª Maria Olinda de Oliveira Menezes.

Endereço: Av. das Arábias, St Asia Cidade Continental - Serra-ES - CEP 29163-480.

Fonte: (27) 3241-2040

Email: escolamariaolinda@sedu.es.gov.br

Código INEP: 32065370

INFRAESTRUTURA	
Água filtrada	Quadra de esportes coberta

Água da rede pública	Cozinha
Energia da rede pública	Biblioteca
Esgoto da rede pública	Banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
Lixo destinado à coleta periódica	Sala de secretaria
Acesso à Internet	Banheiro com chuveiro
Banda larga	Refeitório
11 salas de aulas	Despensa
Sala de diretoria	Almoxarifado
Sala de professores	Auditório
Laboratório de informática	Quadra de esportes coberta
Laboratório de ciências	Cozinha
Sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE)	Biblioteca
	Banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
	Sala de secretaria
	Banheiro com chuveiro
	Refeitório

EQUIPAMENTOS

TV
Antena parabólica
Copiadora
Impressora
Aparelho de som
Projetor multimídia (datashow)

TURMAS

Ensino Fundamental de 9 anos - 6º Ano
Aulas no período da Tarde
Número de turmas 1 / Média de alunos por turma: 32
Inglês
Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
Ensino Religioso
Educação Física
Ensino Fundamental de 9 anos - 7º Ano
Aulas no período da Tarde
Número de turmas 2 / Média de alunos por turma: 22
Inglês
Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
Ensino Religioso
Educação Física
Ensino Fundamental de 9 anos - 8º Ano
Aulas no período da Tarde

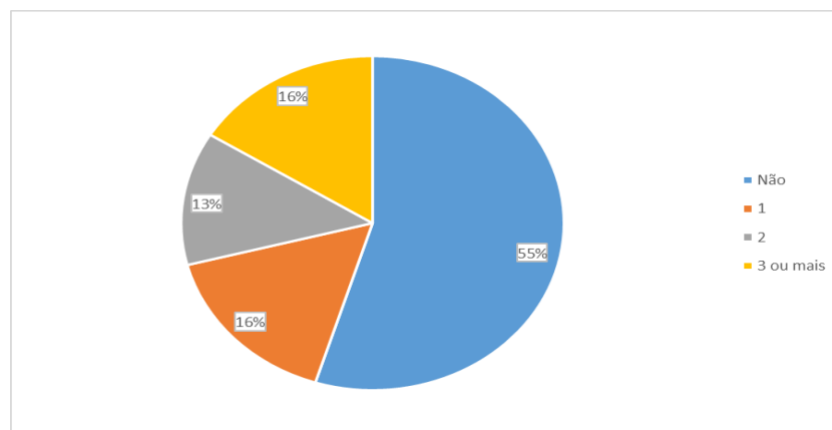
Número de turmas 2 / Média de alunos por turma: 21
Inglês
Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
Ensino Religioso
Educação Física
Ensino Fundamental de 9 anos - 9º Ano
Aulas no período da Tarde
Número de turmas 2 / Média de alunos por turma: 24
Inglês
Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
Ensino Religioso
Educação Física
Ensino Médio - 1ª Série
Aulas no período da Manhã
Número de turmas 4 / Média de alunos por turma: 38
Aula Presencial
Inglês
Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
Filosofia
Sociologia
Estudos Sociais ou Sociologia
Educação Física
Ensino Médio - 2ª Série
Aulas no período da Manhã
Número de turmas 3 / Média de alunos por turma: 30
Aula Presencial
Inglês
Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
Filosofia
Sociologia
Estudos Sociais ou Sociologia
Educação Física
Ensino Médio - 3ª Série
Aulas no período da Manhã
Número de turmas 2 / Média de alunos por turma: 34
Aula Presencial
Inglês
Espanhol
Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
Filosofia
Sociologia
Estudos Sociais ou Sociologia
Educação Física
EJA - Ensino Médio
Aulas no período da Noite
Número de turmas 7 / Média de alunos por turma: 40
Aula Presencial
Inglês

Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras)
Filosofia
Sociologia
Estudos Sociais ou Sociologia
Educação Física

4.2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de se iniciar uma análise a respeito da evasão dos alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos, torna-se útil apresentar os dados estatísticos coletados em forma de aplicação de questionários de entrevista aos professores que trabalham com a modalidade EJA.

Gráfico 1 - Você tem filhos? Se sim, quantos?



Fonte: Próprios autores. 2021.

O Gráfico 1 mostra que 55% Dops entrevistados não tem filhos; 16% respectivamente tem 1 e 3 ou mais filhos; e 13% possuem 2 filhos.

Tabela 1 - Em qual idade parou de estudar?

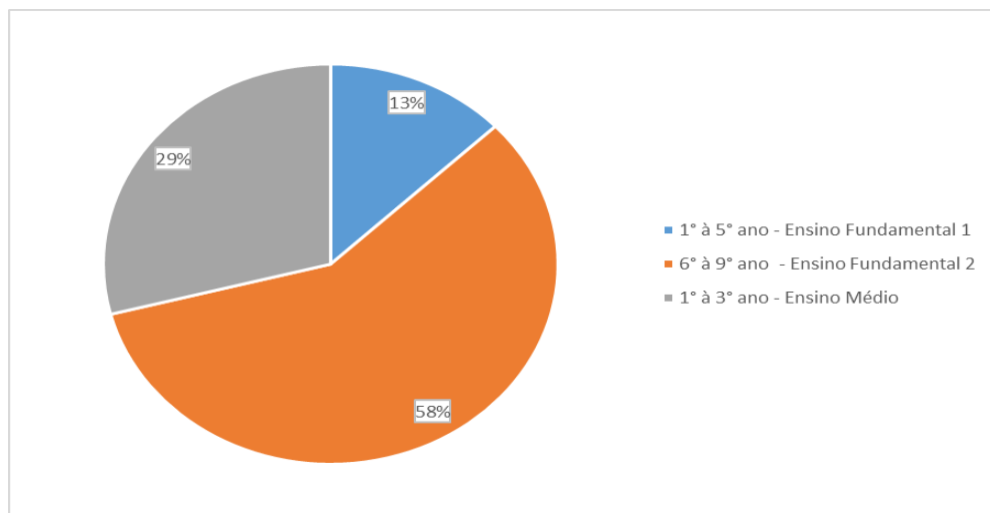
Opção	Fi
7 – 10 anos	3
11 – 14 anos	4
15 – 18 anos	17
19 – 22 anos	4
23 – 26 anos	3
27 - 30 anos	-
Acima de 31 anos	-

Total	31
-------	----

Fonte: Próprios autores. 2021.

A Tabela 1 mostra que 17 alunos, pararam de estudar com idade entre 15 a 18 anos; 4 alunos respectivamente pararam com idade de 11 a 14 anos e de 19 a 22 anos; e por fim, 3 alunos respectivamente tem idade de 7 a 10 anos e de 23 a 26 anos.

Gráfico 2 - Em qual série parou de estudar?



Fonte: Próprios autores. 2021.

O Gráfico 2 mostra que 58% dos entrevistados parou de estudar no Ensino Fundamental 2; 29% parou no Ensino Médio e 13% no Ensino Fundamental 1.

Tabela 2 - Qual escolaridade de seus pais?

Opção	Fi
Ensino Superior	0
Ensino Médio	1
Ensino Médio incompleto	3
Ensino Fundamental	7
Ensino Fundamental incompleto	10
Ensino Primário	6
Não estudaram.	4

Total	31
-------	----

Fonte: Próprios autores. 2021.

10 entrevistados disseram que seus pais possuem Ensino Fundamental incompleto; 7 entrevistados afirmaram que pararam no Ensino Fundamental completo; 6 pararam no Ensino Primário; 4 não estudaram; 3 pararam no Ensino Médio incompleto.

Tabela 3 - Qual influência seus pais tiveram/tem na sua vida escolar?

Opção	Fi
Muita influência	6
Pouca influência	14
Nenhuma influência	6
Não conheci meus pais	2
Não sei	3
Total	31

Fonte: Próprios autores. 2021.

Em relação à influência seus pais tiveram/tem na sua vida escolar, a pesquisa mostrou que: 14 entrevistados disseram pouca influência; 6 respectivamente muita influência e nenhuma influência; 3 disseram não sabem.

Tabela 4 - O que motivou a sua saída da escola?

Opção	Fi
Filhos	3
Trabalho/Emprego	11
Casamento	4
Desinteresse/Sem motivação	7
Drogas	3
Gravidez	2
Depressão	1
Total	31

Fonte: Próprios autores. 2021.

Quando perguntados sobre o que motivou a saída da escola, as respostas mostraram que: 11 disseram devido ao trabalho e o emprego; 7 por causa do desinteresse, e por estarem desmotivados; 4 pelo casamento; 3 respectivamente por causa dos filhos e do uso de drogas.

Tabela 5 - Qual a reação dos seus pais quando decidiu parar de estudar?

Opção	Fi
Nenhuma	7
Tristes	9
Desapontados	4
Falaram muito no ouvido	8
Brigaram	2
Chateados	1
Total	31

Fonte: Próprios autores. 2021.

Ao s perguntar qual a reação dos seus pais quando decidiu parar de estudar, os entrevistados disseram que: para 9 os pais ficaram tristes; 8 os pais falaram muito no ouvido; 7 disseram que não tiveram reação nenhuma; 4 ficaram desapontados; 2 os pais brigaram; e 1 os pais ficaram chateados.

Tabela 6 - Porque resolveu retornar aos estudos?

Opção	Fi
Necessidade	16
Arrumar emprego	7
Melhorar de vida	4
Fazer faculdade	2
Ter uma profissão	2
Total	31

Fonte: Próprios autores. 2021.

Quando perguntados sobre o porque de resolverem retornar aos estudos, afirmaram

que: 16 necessidade; 7 arrumar emprego; 4 melhorar de vida; 2 respectivamente fazer faculdade e ter uma profissão.

Tabela 7 - Qual seu objetivo após concluir?

Opção	Fi
Arrumar emprego	12
Melhorar de vida	9
Casamento	5
Ter uma profissão	5
Total	31

Fonte: Próprios autores. 2021.

Ao serem perguntados sobre qual seu objetivo após concluir, disseram que: 12 arrumar emprego; 9 melhorar de vida; 5 respectivamente casamento e ter uma profissão.

Tabela 8 - Gostaria que houvesse maior quantidade de aulas de Educação Física no EJA, visto que a obrigatoriedade é somente no 1º ano?

Opção	Fi
Sim	14
Não	12
Talvez	5
Total	31

Fonte: Próprios autores. 2021.

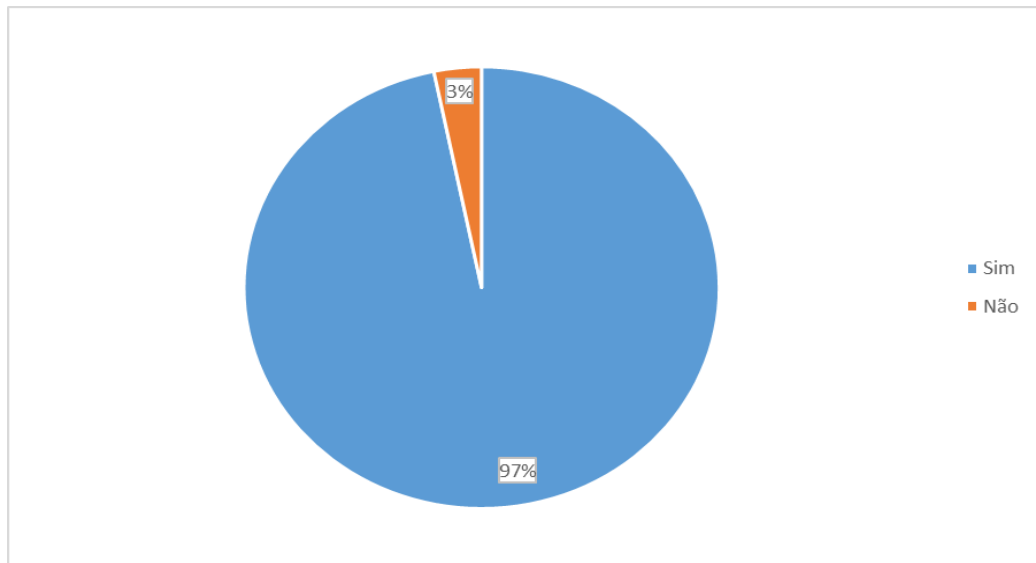
Quando questionados se gostariam que houvesse maior quantidade de aulas de Educação Física no EJA, visto que a obrigatoriedade é somente no 1º ano, as respostas mostraram: 14 sim; 12 não; 5 talvez.

A seguir fala dos entrevistados sobre essa pergunta:

- Sim. Porque é uma aula que ensina muita coisa.
- Não as questões estão boas desse jeito.
- Sim. Para incentivar as outras pessoas pra fazerem exercício físico.
- Sim, para influenciar as pessoas a fazerem atividades físicas.
- Gostaria sempre que tivesse educação física em todos os anos pois muitas pessoas não praticam nada e na educação física praticamos.
- Eu acho que deveria ter mais aula porque é muito importante.
- Algumas coisas são essenciais par nossa saúde.
- Às vezes não temos muito tempo para fazer exercícios.

- Porque é uma matéria do ensino como qualquer outra.
- É uma aula muito boa para se aprender.
- Gostaria sim porque é importante para as pessoas.
- Porque é uma matéria importante.
- Gostaria para se distrair e ajudar mais.
- Porque seria melhor a interação com as pessoas e nem todas sabe o que e o bem da saúde humana.
- Porque ajuda o aluno a interagir mais, com os colegas de classe.
- Bom, se não obrigatório não vejo necessidade.

Gráfico 3 - A Educação Física contribui para a permanência dos alunos na escola?



Fonte: Próprios autores. 2021.

O Gráfico 3, perguntou se a Educação Física contribui para a permanência dos alunos na escola, as respostas mostraram que: 97% disseram não; e 3% afirmaram que sim.

Tabela 9 - Qual sua sugestão para diminuir a evasão escolar?

Opção	Fi
A escola motivar os alunos	11
Não sei	5
Tornar a escola um lugar mais atrativo	4
Os pais conversarem mais com os filhos	3
Depende da necessidade de cada um	8
Total	31

Fonte: Próprios autores. 2021.

Ao serem perguntados sobre aula sua sugestão para diminuir a evasão escolar, os

entrevistados responderam que: para 11 deles, a escola motiva os alunos; 8 afirmaram que depende da necessidade de cada um; 5 não sabe; 4 para tornar a escola um lugar mais atrativo; 3 os pais conversarem mais com os filhos.

A pesquisa foi desenvolvida em uma Escola no horário noturno. Todos os estágios foram realizadas nessa escola. A entrevista tornou-se prazerosa por já conhecer alguns professores e alunos, ao retornar a escola para entrevista, o entrevistador deparou-se com alguns alunos que ainda estão nas séries iniciais da EJA.

No primeiro dia de entrevista o entrevistador compareceu à coordenação da escola, e procurou a pedagoga para uma conversa, onde foi perguntado se havia algum documento ou se no PPP da escola tinha algum projeto voltado para a EJA. A pedagoga respondeu dizendo que não, que o PPP da escola ainda estava em fase de acabamento, não estava terminado ainda, abrangia de um modo geral toda a escola, não havia nada específico voltados para a modalidade da EJA.

Foi solicitada a leitura do PPP provisório, a pedagoga concordou e abriu o referido numa tela de computador da escola. Após a leitura do início ao fim do PPP, realmente percebeu-se que em momento algum foi mencionado o nome EJA.

No PPP tópico Princípios e Diretrizes Curriculares, diz que o Currículo desenvolvido no estabelecimento é organizado em disciplinas conforme a Organização Curricular, que a principal função da escola é ajudar a construir conhecimentos, forma de pensar e sentir mais elaborado, assim como valores. Isso implica em relações recíprocas entre aluno e o universo a ser conhecido.

A escola tem como objetivo geral, buscar a autonomia da escola, com a efetiva participação de todos os membros envolvidos no Processo Ensino Aprendizagem desenvolvendo valores éticos, morais, políticos, construindo para uma sociedade solidária, coesa, democrática e participativa com indivíduos críticos que ajudem a construir uma sociedade mais justa, formando cidadãos capazes de pensar no coletivo valorizando a sua vida e a do próximo.

Alguns objetivos específicos são especificados no PPP da escola:

- promover o sucesso de aprendizagem do aluno e sua permanência na escola;

- desenvolver os princípios de convivência democrática na escola;
- zelar pelo patrimônio histórico e cultural da escola;
- desenvolver conteúdos, por meio de atividades, situações e vivências diversificadas que privilegiem a capacidade de analisar e solucionar problemas.

A sala é muito quente devido o número de alunos que comporta, sem ventilação, apesar possuir quatro ventiladores de teto, apenas dois funcionam, conta com a presença de um climatizador de ambiente, porém nos dias de observação em sala de aula não foi ligado nenhuma vez. A sala é bastante decorada com letras do alfabeto, com números decimais espalhados por toda a parte, com desenhos, frases, figuras e cartazes.

Procurou-se observar tudo na sala de aula, desde o ambiente, comportamento dos alunos e professores, tudo foi observado de forma compreensiva. Na sala há barulho constante, a disciplina de matemática é aplicada para todas as séries da EJA. Quando a professora está passando os exercícios na lousa para a primeira série, as demais séries conversam muito, a professora pede silêncio e chega até a gritar devido às conversas paralelas.

Diante do exposto, fica claro que apesar da Educação de Jovens e Adultos está baseada no que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB 9.394.96, no Parecer CNE/CEB Nº11/2000, na Resolução CNE/CEB Nº01/2000, no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172/01), no Plano de Desenvolvimento da Educação, nos Compromissos e acordos internacionais (BRASIL, 2014), o que encontramos em nossa pesquisa foi uma modalidade de educação precarizada e muito distante de atender ao que está estabelecido nos documentos citados.

Quanto aos alunos observou-se uma participação intensa em projetos que envolviam criatividade e originalidade, o que facilita o desenvolvimento de suas potencialidades, contudo em relação ao desenvolvimento acadêmico ainda existe uma grande lacuna entre as competências a serem desenvolvidas e a realidade vivenciada pela escola na realização das atividades escolares.

Nessa pesquisa, percebeu-se que os adultos entre 15 e 62 anos têm ocupado as cadeiras da sala de aula nos anos iniciais do seguimento EJA. 70% deles são do sexo

feminino e 30% do masculino e todos mostraram um real interesse em aprender o conteúdo exposto pelo educador.

A seguir serão apresentadas as entrevistas realizadas junto aos alunos, no intuito de demonstrar o seu posicionamento diante da EJA. Ao se questionar o que gostaria de aprender, que a escola não ensina obteve-se as seguintes respostas:

ALUNO 1: *“olha... porque meu problema é escrever ler, eu leio bem, mas fico com medo de escreve errado, tem gente que gosta de ler jornal, revista, eu no caso, minha dificuldade é por isso, fiz a 5ª serie já tinha 17 anos”.*

ALUNO 2: *“difícil responder, que a escola ensina tudo, menos profissão em sí, mão de obra não ensina”.*

Diante destas falas Ribeiro (1994, p. 54) afirma que:

A oportunidade que cada indivíduo, jovem ou adulto, tem de figurar numa das faixas de distribuição educacional lhe está designada por sua posição na sociedade, ou seja, objetivamente falando, por seus determinantes materiais e culturais. Por conseguinte, para que cada vez maior número de indivíduos encontre oportunidade de se educar é preciso que o contexto social se desenvolva, pois o atual estado só oferece, obviamente, o conjunto de oportunidades presente.

O que se observa diante do cenário educacional vigente, é que muitos dos profissionais de educação vivenciam certo comodismo em relação à profissão. Isso faz com que sua atuação profissional seja apagada e às vezes negligenciada, perdendo muitos dos seus direitos e sendo um profissional desvalorizado no meio da sociedade atual.

Outro questionamento realizado pelo entrevistador foi qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula? Verificou-se que:

ALUNO 1: *“é porque tipo assim... muito barulho, muita gente conversando ai fico nervosa e tem dia que não consigo fazer nada”.*

ALUNO 3: *“de conhecer as letras, o **N** o **H** da na frente primeiro, e o **X** o **K** fica sem saber com é que ler”.*

Neste ponto, segundo Andrade (2009) cita:

Perceber esses jovens do ponto de vista da EJA revela uma condição marcada por profundas desigualdades sociais. Na escola da EJA estão os jovens reais, os jovens ao qual o sistema educacional tem dado as costas. Percebê-los significa a possibilidade de dar visibilidade esse expressivo grupo que tem direito à educação (ANDRADE, 2009, p. 36).

Os alunos da EJA carregam de certa forma a marca da pobreza, da exclusão por não conseguirem uma educação satisfatória, e porque as políticas públicas falharam quando eram crianças ou adolescentes. Vivemos, afinal, num país injusto onde a distribuição de renda causa pobreza, causa dor, causa desconforto e diferenças de oportunidades.

O pesquisador questionou aos alunos se já pensou em desistir de estudar. Aqui é um questionamento importante porque demonstra que 75% dos alunos entrevistados não pensaram em desistir dos estudos e outros 25% por sua vez, já pensaram nesta possibilidade.

ALUNO 1: *“é não sei muita coisa, a gente tem que trabalhar, mas hoje em dia vejo que faz muita falta, trabalhar e estudar não é brincado não (risos)”*.

ALUNO 6: *“sim muitas. Mais ai pensei: não vou parar, deu uma loucura depois continuei”*.

Neste ponto, observa-se que o professor deve ser o elo que não permitirá o aluno desistir. Ao agir de tal forma permitirá que esse sujeito cresça e seja um ser reflexivo, político e social. O Professor terá que saber que muitas das vezes essas necessidades de não saber construir, desenvolver, estão relacionadas com suas relações, condições socioeconômicos e com o seu contexto histórico. Jamais o aluno deverá ser ignorado, excluído por não dominar a linguagem do mundo letrado.

Mas Segundo Sant'Anna (1995), "há professores radicais em suas opiniões, só eles sabem, o aluno é imbecil, cuja presença só serve para garantir o miserável salário detentor do poder".

Outro questionamento foi: Os conteúdos utilizados em sala de aula estão de acordo com a faixa etária de idade?

ALUNO 1: *“não. Ela ta dando aula pra 1ª e 4ª série ai fica tudo misturado, tem que dá atenção pra todos e não tem como ela dá atenção pra todos”*.

Diante destas respostas dos alunos, Hoffmann menciona que:

O aluno constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas. Os entendimentos dos alunos são decorrentes do seu desenvolvimento próprio frente a umas e outras áreas de conhecimento (1993, p. 52).

Dessa forma o professor tem um papel importantíssimo no avanço construtivo do aluno, ele é o “mediador” por estar em contato direto com o aluno, ao mediar conhecimentos saberá identificar onde existem necessidades de se trabalhar, também enxergará o que a educação lhe proporcionar, ao identificar esses aspectos, se revestirá de humildade, simplicidade de atitudes, onde será necessário enxergar o outro como um ser pensante, capaz, e passará a construir com ele conhecimentos sistematizados, criando condições de aprendizagem que permitam que esse sujeito possa evoluir na construção do conhecimento.

Ao se perguntar aos alunos se já sofreram algum tipo de discriminação na escola, 100% dos entrevistados afirmaram que não, nunca sofreram.

ALUNO 1 : “*não*”.

ALUNO 6: “*não*”.

ALUNO 4: “*não*”.

Quando entrevistado questionou se considera sua relação com os seus professores era boa, 90% dos alunos entrevistados afirmaram que:

ALUNO 6: “*ótima demais*”.

ALUNO 5: “*sim*”.

Por fim, ao se perguntar aos alunos se conseguem aprender os exercícios aplicados em sala de aula por seus professores, afirmaram que:

ALUNO 2: “*sim*”.

Segundo diz Laffin (2011) refletir sobre o processo de escolarização dos alunos da EJA, faz voltar a história de vida desses sujeitos, rever o que foi desenvolvido por eles

ao longo de suas trajetórias e perceber a exclusão que esses sujeitos foram vítimas. São pessoas que fazem parte da sociedade que estão inseridos no mercado de trabalho e que agora querem retornar aos estudos para “melhorar” de vida. Trata-se de sujeitos de contextos urbanos e rurais que são dotados de direitos.

As aulas de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos podem viabilizar a compreensão do ser humano e suas totalidades, a diversidade corporal, bem como o corpo como sujeito e não como objeto. Essa concepção de Educação Física ao ser trabalhada na EJA, trabalha buscando a formação da autonomia e da criticidade, afinal, o corpo não existe isoladamente, a realidade sócio-histórica e cultural do indivíduo contribui para a formação do sujeito como todo (CARVALHO, 2013).

Desta maneira, ao se analisar a concepção dos estudantes da EJA acerca da Educação Física, se faz importante para refletirmos sobre a realidade atual desse componente no âmbito escolar, além de despertar a atenção da sociedade e órgãos públicos para as necessidades de melhorias no ensino-aprendizagem e desenvolvimento desses educandos (CARVALHO, 2013).

Segundo Santos (2018), motivar os alunos da EJA a praticarem atividade física regular para a saúde e bem-estar, envolve aspectos multifatoriais, como variáveis psicológicas, sociais, ambientais e genéticas. Assim, a prática de atividade física nas aulas de educação física da EJA, terá relação direta com a qualidade de vida dos alunos, principalmente pelo fato de que a maioria é de idade mais avançada.

Pich e Fontoura (2013) questionam as mudanças ocorridas na LDB ao abordar a Educação Física, anteriormente, com a Lei nº 9394/96 houve uma evolução no sentido de se tornar um componente curricular integrado à proposta pedagógica da escola e não mais vista como uma atividade no currículo escolar. Entretanto, ao colocar a Educação Física como obrigatória na Educação Básica, conquanto facultativa aos cursos noturnos, apresenta uma contradição, posto que acaba por inferiorizar a Educação Física, prevalecendo outras disciplinas na EJA e a excluindo desse espaço educacional (PICH; FONTOURA, 2013).

O que se percebe é que a prevalência de inserção de jovens na EJA se faz cada vez mais presente, isso tem ocorrido devido ao aumento de jovens no mercado de trabalho, principalmente em camadas sociais de baixa renda. Outro fator é quando o

estudante em turno regular é visto como “aluno-problema”, sendo muitas vezes direcionado para as aulas no período noturno (CARVALHO, 2009).

Portanto, o que se percebe no ensino da EJA é que os professores devem procurar investigar a falta de sucesso dos alunos, procuram fazer com que eles se estimulam mais nem sempre aprendizagem é uma tarefa fácil. Os alunos da EJA são pessoas que já tem certas experiências de vida, onde na qual contribui com seu aprendizado, porem as experiências não é o bastante, pois os fatores externos (família, trabalho) além diversidade em sala de aula implicam diretamente no ensino e aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizado o estudo constatou-se que o problema da evasão e da repetência escolar no país e até mesmo na Escola do EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual) Ensino Fundamental Profª Maria Olinda de Oliveira Menezes, têm sido um dos maiores desafios enfrentados pelas redes do ensino público, pois as causas e conseqüências estão ligadas a muitos fatores como social, cultural, político e econômico, como também a escola onde professores têm contribuído a cada dia para o problema se agravar, diante de uma prática didática

ultrapassada.

Acredita-se que várias são as causas da evasão na EJA na escola do EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (Escola Pública Estadual) Ensino Fundamental Prof^a Maria Olinda de Oliveira Menezes, na Serra, destacando-se: causas sociais, políticas, culturais e pedagógicas. Entre as pedagógicas, pode-se destacar a falta de uma proposta pedagógica em que as disciplinas sejam integradas - já que no mundo elas não estão separadas e, o adulto, por carregar um conjunto de saberes que produziu na prática social, precisa de se "encontrar" nos conteúdos propostos para cada disciplina.

Por fim, é importante mencionar que geralmente quando o adulto volta para a escola sente-se um pouco retraído, vê-se como uma pessoa já velha, que não teve oportunidades. Cabe ao professor estimulá-lo a fim de que ele possa participar de todas as atividades propostas e que possa se sentir bem com o seu grupo de estudos.

6. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In: Diálogos na Educação de Jovens e adultos/ Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. 4 ed. (Estudos em EJA). Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e Educação Popular: um estudo sobre a educação de adultos.** São Paulo, Pioneira. 1974.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística.** 7 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

CAMPOS, E. L. F.; OLIVEIRA D. A. **A Infrequência dos alunos adultos trabalhadores, em processo de alfabetização, na Universidade Federal de Minas Gerais.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação,

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CANDAU, V. M. **A Didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CARMO, Gerson Tavares do. **Evasão De Alunos Na EJA e Reconhecimento Social: Crítica Ao Senso Comum E As Suas Justificativas**. UENF. s/d.

CARVALHO, Rosa Malena. **Educação física na educação de jovens e adultos**. Revista Lugares de Educação, v. 3, n. 5, p. 37-49, 2013.

CARVALHO, Roseli Vaz. **A juventude na educação de jovens e adultos: uma categoria provisória ou permanente?** In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. PUCPR. 26 a 29 de outubro. 2009.

COSTA, Marisa C. Vorraber. **Trabalho Docente e Identidade do Professor**. Proposta de Tese de Doutorado: UFRGS. Porto Alegre: Abril, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. in.: GADOTTI, Moacir. Paulo Freire. **Uma Biografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia: **Tradução Reflexões Sobre Alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.31.

FREIRE, Paulo & BETTO, Frei. **Essa Escola Chamada Vida**. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 6 ed. São Paulo: Ática. 1998.

FREIRE, Paulo. in.: GADOTTI, Moacir. Paulo Freire. **Uma Biografia**. São Paulo: Cortez, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais do Educador**. Porto Alegre, Artes Médicas Sul. 2000.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

KATO, Mary Aizawa. **A Concepção da Escrita pela Criança**. Campinas - SP: Pontes, 1993.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização: Dilemas da Prática**. Rio de Janeiro: Dois Pontos,

1986.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamento de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

LANDSMANN, Liliana Tolchinsky. **Aprendizagem da Linguagem Escrita**. São Paulo, Ática, 1995.

LÜCK, Heloísa. A evolução da gestão educacional, a partir de mudanças paradigmáticas. **Artigo Progest**, p. 3-21, 26 de maio 2001.

_____. et. al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta & Outros. **A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar**. 4 ed, Campinas-SP: Papiros, 1995.

OLIVEIRA, M. R. N. S. **O conteúdo atual da didática. um discurso da neutralidade**. Tese de Mestrado em Educação. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

OLIVEIRA, MARIA MARLY DE. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEIXOTO FILHO, J.P. **A educação básica de jovens e adultos: a trajetória da marginalidade**. Rio de Janeiro, 1994.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Trad. I. Braga, Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

PICH, Santiago; FONTOURA, Mariana Purcote. **A cultura escolar da educação física no EJA: o paradoxo entre a ruptura com a noção de atividade e a falta da prática corporal**. *Educación Física y Ciencia*, v. 15, n. 1, 2013.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação Escolar de Jovens e Adultos**. 7. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre Educação de Jovens e Adultos**. 6ed. São Paulo: Cortez. 1989.

RIBEIRO, M. L. S. **A formação política do professor de 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, Rafaela Gomes dos. **Atividade Física, saúde e qualidade de vida na educação física escolar: uma análise de relações estabelecidas por diferentes autores**. In: CARDOSO, B. L. C.; ALMEIDA, C. B.; FONSECA, E. O. S. *Estilo de vida e saúde no contexto baiano*. Goiânia: Kelps. 2018. Cap. 4, p. 65-85.

SANTOS, M. A. M. T., **A produção do sucesso na educação de jovens e adultos: o caso de uma escola pública em Brazlândia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SOARES, Magda Becker, (1998). **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo

Horizonte: Autêntica. 1999.

SOARES, Magda Becker, MACIEL, Francisca, **Alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social**. 13 ed. São Paulo: Ática, 1995.

TAILLE, Yves De La. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a Escrever**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

VEIGA, Ilma Passos A. (coord.). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. S. P.: Martins Fontes, 2008.